



Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas sobre Marx e o Marxismo

## Marx e o Marxismo 2011: teoria e prática

Universidade Federal Fluminense – Niterói – RJ – de 28/11/2011 a 01/12/2011

TÍTULO DO TRABALHO			
<b>Educação Física e Classes Sociais</b>			
AUTOR	INSTITUIÇÃO (POR EXTENSO)	Sigla	Vínculo
<b>Paulo Roberto Monteiro Peres</b>	Universidade Federal do Rio de Janeiro	UFRJ	Professor Assistente
RESUMO (ATÉ 20 LINHAS)			
<p>Tendo como objetivo deste trabalho, a abordagem da Educação Física e as Classes Sociais, busquei enfatizar as diferenças de classes existentes na sociedade e suas repercussões, onde as mesmas tem distinções quanto aos acessos e liberdades. No tocante a Educação Física, o papel das instituições acadêmicas, como formadoras desse docentes, carece de uma abordagem teórica no que concerne às Ciências Humanas e a uma discussão crítica a respeito do contexto social vigente. Também chamo atenção ao fato do futebol exercer uma esperança a milhares de meninos da classe trabalhadora, que vêem nessa prática, a única possibilidade de modificar suas vidas e de suas famílias.</p> <p>Criando uma expectativa redentora ou salvacionista. Essa expectativa é alimentada pela imprensa que não esclarece as causas que fazem com que somente alguns desses milhares, cheguem a uma carreira de sucesso, apesar disso não ser um fenômeno exclusivo do futebol, a exemplo das religiões, onde a lógica se assemelha em conteúdos.</p> <p>Estando em evidência as contradições de classes, vigentes no capitalismo mas não assumidas em seu discurso, transferindo resultados para as condições de subjetividade, onde a responsabilidade pelo sucesso ou fracasso são os indivíduos somente, e que neles reside a efetivação dos seus objetivos ou não. Embora as crises cíclicas do capitalismo tenham repercussões danosas à economia e repercussões ainda mais nocivas aos trabalhadores, esse sistema não avoca a responsabilidade por tais danos.</p> <p>Em síntese, o contraponto ao capitalismo, que não tem competência para a resolução dos problemas sociais é a sociedade comunista. Aquela que traz harmonia e compromisso social com a classe trabalhadora em suas propostas.</p>			
PALAVRAS-CHAVE (ATÉ TRÊS)			
Luta de Classes; Educação Física; Formação Profissional			
ABSTRACT			
<p>With the aim of this work, the approach of Physical Education and Social classes, sought to emphasize class differences in society and its repercussions, which have the same distinctions as to access and freedoms. With regard to physical education, the role of academic institutions, such as forming teachers, lacks a theoretical approach with regard to the Human Sciences and a critical discussion about the current social context. I also call attention to the fact that football carry a hope to thousands of working class boys, who see this practice, the only possibility to change their lives and their families.</p> <p>Creating an expectation redemptive or salvific. That expectation is fueled by the press that does not explain the causes that make only some of these thousands come to a successful career, although this is not a phenomenon exclusive of football, like religions, where the logic is similar in content.</p> <p>Being in the contradictions of class, existing in capitalism but not taken in his speech, transferring results to the conditions of subjectivity, where the responsibility for success or failure are individuals only, and that therein lies the realization of your goals or not. Although the cyclical crises of capitalism will have harmful repercussions on the economy and even more harmful effects to workers, this system not taking back the responsibility for such damage.</p> <p>In summary, the counterpoint to capitalism, which has no jurisdiction for the resolution of social problems is a communist society. One that brings harmony and social commitment to the working class in their proposals.</p>			

Em se tratando de Educação Física tem-se uma plêiade de elementos, por onde fluem as mais variadas abordagens, que incidem em diferentes áreas como educação, saúde, lazer etc.

Entretanto em que pese o grau de importância que lhes possa ser dada, muito poucas vezes é abordada pelo lado social ou ideológico e particularmente considerada a luta de classes.

Segundo Marx “A história de todas as sociedades até agora tem sido a história da luta de classes” (Marx, Engels, 1998, p.30). Tal afirmativa corresponde a toda vinculação de classes que se insere o modo de atuação e de aquisição material. Por exemplo, o setor bancário não incide somente a burguesia, o alcance de suas ações. Os pobres recebem salários, pagam suas contas etc nos bancos. E esses mesmos bancos dão lucros aos seus proprietários banqueiros, então os bancos tem dupla feição de classes. Enquanto para muitos é uma necessidade ter seus serviços, via exploração de seus funcionários e cobrança de taxas extorsivas, para alguns poucos é a razão da manutenção e aumento de suas riquezas.

Assim também pode se equiparar outras áreas, dentre elas a Educação e particularmente a Educação Física, onde o conteúdo de classes é subvertido em sua gênese, nas próprias escolas ou faculdades de Educação Física, quando tradicionalmente as abordagens políticas são songadas e a deflagração de discussões dessa natureza são raras por parte dos professores, que trazem ainda o ranço militarista e desportivista, onde a disciplina e a objetividade pelo lúdico e a forma física, tomam grande parte das ações áulicas. Segundo Pereira “Os problemas da cultura física e da Educação Física nacional, bem como da educação em geral, são no fundo problemas de ordem político econômico que dizem respeito em última análise a uma totalidade sócio-cultural”. (Pereira, 1988, p. 146-147).

Há também o discurso presente e insistentemente veiculado pela imprensa, que a luta de classe acabou. Que as classes se interpõe ou que os marcos delimitadores de classes, tão visíveis no século 19, após a revolução industrial, em particular após as denúncias de Marx no Manifesto do Partido Comunista de 1848 desaparecem, e que os segmentos sociais ainda dentro do que se convencionou chamar de classes, cada vez mais abrem subdivisões, como “classe média alta”, “alta burguesia” e “pequena burguesia”; “classe média baixa” e “classe média média”, além das camadas a, b, c, d, e etc da classe trabalhadora. E que tais segmentações não correspondem efetivamente a classes, mas a estamentos sociais e econômicos móveis. Em que pese haver o discurso do desmonte conceitual das classes sociais, o mesmo não se sustenta quando a materialidade dos fatos denotam determinadas nuances, que existem nos contingentes humanos que classicamente tem se chamado classe social. Isto é verificável facilmente em diversos setores, que se tornam distintos quando confrontados. Observe-se a alimentação, vestuário, moradia, locomoção, atendimento médico, lazer, educação, renda etc, entre a população de uma cidade, de um estado ou do próprio país e se constatará que parte dessa população trás consigo, inerente à sua condição econômica, diferenças de

vida no que concerne a posse material de bens e o acesso a serviços, dentre os quais a Educação e a Educação Física. Esta diferenciação está ligada a uma questão de posse e acesso a bens materiais.

Independente que a gama de ações laborais venha se reproduzindo, onde novas atividades e suas respectivas nomenclaturas constituam novas profissões e que tais vão desde as mais sofisticadas e rendosas, como um “consultor sênior de uma grande empresa transnacional”, um “corretor de imóveis” ou um “vendedor ambulante” etc, todas as novas (e as antigas) profissões não deixam de ter o caráter próprio, da vida de cada um desses profissionais, associada às condições materiais que os regem e que os diferenciam e dialeticamente os associam em classes. Mesmo havendo diferenças entre as situações individuais, intestinas a cada classe. Entretanto, o suporte de classe, com maior conotação, é aquele que distingue os indivíduos que suprem todas as suas necessidades confortavelmente e ainda tem um grande excedente financeiro que diversifica em outras atividades lucrativas e os indivíduos que tem uma renda (independente que sejam assalariados ou não) que lhes dá (ou não) para o sustento de si ou de sua família. Esse distanciamento financeiro/material é um divisor preciso da certeza da existência inequívoca de classes sociais. Mesmo a chamada classe média, que é de supor que esteja entre a classe trabalhadora e a burguesia, não deixa de ter uma conotação de classe, visto que não tem a monta excedente do capitalista, nem o salário ou renda dos que pouco possuem, e trás consigo uma vida de posses e acesso a bens materiais diferenciada de ambas as situações.

Em se tratando de Educação Física, é importante salientar que as escolas ou faculdades, não costumam incentivar discussões que incidam nas Ciências Humanas, embora disciplinas dessa natureza possam estar contidas em seus currículos. Entretanto, fora o aspecto curricular dessas disciplinas, a aridez permanece, em termos filosóficos, sociológicos, históricos, políticos etc. As discussões nesse sentido, tradicionalmente são raras. O direcionamento buscado em geral pelos alunos, em nome da oferta existente, é a área biomédica ou do treinamento, onde a fisiologia é em grande parte das vezes, a “musa” buscada e que os apaixona.

É preciso reconhecer que se os professores não tiverem o ensejo de verificar, através da análise e reflexão, à luz do contexto e compromisso social, que há uma necessidade da abordagem temática das Ciências Humanas à luz da crítica, não haverá em suas aulas, abordagens dessa natureza. O que representará uma lacuna na formação profissional dos alunos, na medida em que independente das vontades, a dinâmica e os movimentos da sociedade, da História e da vida continuarão. Logo, se não for abordado essas temáticas, estará existindo um fixismo ou negando o movimento. O que seria, dialeticamente impossível, salvo pela não percepção ou ignorância. Mas talvez seja isso mesmo, talvez grande parte dos professores tenham se formado numa aridez

acadêmica acrítica, tenham moldado suas vidas sem vislumbrarem a necessidade de desenvolverem a percepção crítica dos aspectos sociais, e, quando se tornam professores, ministram suas aulas, conforme o balizamento que suas mentes vêem o mundo. E é esse “moto contínuo”, que em parte mantém o que chamo aridez, no meio acadêmico.

A formação do licenciado ou bacharel em Educação Física, deveria considerar a realidade, considerando que o contexto social carioca e brasileiro, que é heterogêneo, em termos de moradia, alimentação, vestuário etc, e que havendo uma assimetria social, haveria necessidade que as faculdades formassem profissionais capacitados a trabalharem com essa diversidade, ou com os graus de dificuldades existentes, onde as aspirações e as carências do público receptor (alunos), são diversos.

As aulas ditas “práticas”, nos cursos de graduação, oferecem ginásios, piscinas, iluminação, bolas, redes etc, (muitas vezes cada aluno tem uma bola), a turma é disposta num ginásio com muitas quadras, as aulas de natação oferecem uma raia para cada aluno etc. E é nessas condições otimizadas que muitos alunos vivenciam suas experiências de trabalho. Em grande parte das vezes, é somente nessas condições. Tais situações, direcionam ou preparam, para uma possibilidade de ação, análoga àquela em que estão vivenciando tais aulas. Não trabalham com a diversidade, não são treinados nem estimulados a terem uma ação áulica, em situações diferenciadas de carência material. São preparados para situações onde o pressuposto é o de que a sociedade é harmônica e igualitária. Segundo Marinho, “a pedagogia do consenso atesta por esses mecanismos, o professor de Educação Física de qualquer atividade que não gire me torno dela mesma” (Marinho, São Paulo: CórteX, 2010, p.74).

A resultante de uma má formação profissional, é sentida quando por exemplo, um professor formado conforme o quadro descrito antes, e que não tenha despertado o compromisso social com a educação e com a sociedade, vai trabalhar numa escola pública e se depara com os graus de carência material já elencados, ou de turmas muito numerosas. Talvez seja nessa esfera que se note a acomodação, o descaso, a desmotivação, as aulas repetidas todos os anos e em todas as séries pelo mesmo professor. As propostas corriqueiras de correr em torno da quadra ou do pátio da escola, depois o clássico jogo de futebol e para quem não jogar, as tradicionais “atividades livres”, que podem ser conversar, brincar etc

A aridez verificada na faculdade, se estende às escolas de ensino fundamental e médio, tendo o professor de Educação Física aquele que a mantém.

Tal caos, não se aplica a todos os professores, é verdade, mas devemos de evidenciar que os cursos de Educação Física não são cursos cujos conteúdos, enalteçam a necessidade do pensamento crítico e de ações encaminhadas para a necessidade social.

A formação profissional oferecida pelas instituições universitárias, não visam formar profissionais capacitados a compreenderem as questões sociais e políticas. Fica então, na espontaneidade ou na aquisição extra acadêmica, de uma percepção crítica, onde aperceba-se a distribuição de classes, e que isso venha a repercutir nos conteúdos e na forma de ministrar aulas, partindo do princípio de que as querelas discentes, se manifestam distintamente, dependendo em muito, das suas condições socioeconômicas. Por exemplo, a iniciação esportiva de basquetebol, proposta para uma turma de alunos de classe média, que pela disponibilidade financeira, poderiam ter tido a prática dessa modalidade, pagando, em “escolinhas”, clubes etc, e que os fundamentos propostos pelo professor, já fossem de seu domínio, tornando enfadonho ter que repeti-los. Ao contrário de outros alunos, pertencentes à classe trabalhadora, que pela primeira vez estão tendo contato com essa modalidade, e que gera grande expectativa.

Não há o basquetebol (ou qualquer outra modalidade) de classe. Existem encaminhamentos ou resultantes, advindos dessa modalidade, que poderá ser abordada, divulgada ou propagandeada de maneira diferente. No exemplo citado, a conotação de classes diferenciou a modalidade proposta, em se tratando de sua “iniciação”. A percepção docente, talvez não tenha alcançado o patamar de localizar socialmente os alunos de diferentes bairros, condição financeira e de classes sociais distintas.

A própria querela discente, pode se diferenciar se forem considerados tais condições: alunos bem nutridos que vão à escola e alunos que vão a escolas para se nutrir; alunos que freqüentam escolas pagas e alunos que recebem para ir à escola (bolsas governamentais). Não bastassem tais situações, é fácil distinguir pela indumentária, a distinção de classes: qualidade da roupa e do tênis por exemplo. E a locomoção, que varia conforme a classe: carro, ônibus comum, ônibus escolar, “a pé” etc.

Essas distinções de classes, com facilidades de um lado e dificuldades de outro, favorece explicar o sonho de milhares de crianças e adolescentes, da classe trabalhadora, que tem no futebol, o real e sério investimento, cuja resultante poderá ser a solução dos seus problemas e o de suas famílias. É verdade que o tráfico de drogas, também alicia crianças e jovens, com esse mesmo propósito, havendo o imediato retorno financeiro, pelos seus serviços. Mas é o futebol que oferece o sonho redentor ou salvacionista, “que afasta das drogas” etc. Segundo Hobsbaun, “o esporte que o mundo tornou seu foi o futebol de clubes. (Hobsbaun, 1995. p. 197).

No caso do futebol no Brasil, os exemplos do passado e do presente, são vetores cujo direcionamento é aspirado. Isso é fartamente divulgado pela imprensa que se encarrega de divulgar os êxitos de grandes jogadores do futebol brasileiro, que se tornaram referências no mundo e que vieram da classe trabalhadora, tendo passado dificuldades e através do bom desempenho futebolístico, ascenderam financeira e socialmente. Essa divulgação, procura dar a impressão de transferência de classe. Que isso é possível, que as oportunidades “estão postas”, disponíveis. E é exatamente nisso, que milhares de crianças e adolescentes acreditam, sendo essa idéia, um êmbolo que os faz persistirem no afã de também jogarem num grande clube de futebol. Merece destaque, o fato da imprensa divulgar a biografia de jogadores que foram pobres, sua abnegação etc, mas não mencionam que não há lugar para todos os aspirantes, de efetivarem os seus sonhos e que a oportunidade bem sucedida de um, significa a frustração de centenas.

É na escola, com tenra idade que muitas crianças inauguram seus sonhos de sucesso. É a troca de informações, a identidade clubística, o interesse pelos jogos etc. que faz muitas vezes das aulas de Educação Física, as mais esperadas, pois em havendo futebol, poderá esse menino sonhador, evidenciar suas qualidades. Mas nessas aulas, além do jogar alguns minutos por semana, não oferecem o encaminhamento necessário para a trajetória do sucesso esperado, pois são as triagens nos clubes de futebol, sem muitas vezes terem reais oportunidades, que essas crianças ou jovens, são escolhidas ou não para as divisões “infantil”, “mirim”, “infanto-juvenil”, “juvenil” etc.

A perspectiva do sucesso, faz com que haja um investimento nesse sentido, e um negligenciamento para os estudos. Observe-se que a dedicação costumeira desses meninos, implica em um reducionismo, face a outras profissões. Meninos esses, egressos maciçamente da classe trabalhadora.

Quando a idade avança, e as oportunidades vão rareando, para fazer os testes, a realidade vai se mostrando, muitas vezes drásticas, pois mesmo que a vida de carências não tivesse desaparecido, a expectativa permanecia, e a noção da situação vivida, era imaginada como passageira. Mas no momento em que o futebol não oferece mais oportunidades, fica a realidade: jovem com pouco estudo, que não adquiriu uma prática profissional, pois investiu anos de vida, visando uma profissão que não terá.

O quadro negativo descrito, é uma realidade no Brasil.

É bem verdade que aqueles que mais praticam o futebol, tem mais oportunidade de se tornarem grandes jogadores. Isto significa muitas horas, dias e anos nesse investimento, o que pode acarretar prejuízo aos estudos e uma canalização a somente um objetivo.

Diferente de outras profissões, e mesmo de outras modalidades esportivas, como as individuais, onde a abnegação, a dedicação, são elementos subjetivos que dependem em grande parte de si, quando de um teste. No caso dos esportes coletivos e particularmente do futebol, o referencial individualizado, pode ficar comprometido pelas oportunidades exíguas, pelo encaminhamento do jogo (no teste), enfim pelo conjunto. Num tempo curto, as vezes de 15 ou 20 minutos, sendo que muitas vezes nesse período não houve sequer contato com a bola pelo pretendente.

Essa forma injusta de testes, não é reparada, e sendo a demanda muito superior à oferta existem alguns exemplos de grandes jogadores que antes de assim se tornarem, foram relegados, por exemplo Garrincha e Cafu. Mas muitos com bom futebol são depreciados por esse tipo de teste, e não retornam a fazê-lo, ou tem a expectativa abreviada e frustrada

Essa situação e suas consequências negativas não ocorrem com meninos advindos de uma família de classe média ou burguesa. Mesmo que tenham vontade de ser jogador de um grande clube, suas famílias não investirão seu tempo em consagrar somente ao futebol. Certamente que além dos estudos regulares, terá curso de línguas, computação e bons colégios etc, e que seu tempo estará dividido com esses afazeres, não havendo a necessidade e o sonho de sair da condição de vida, somente através de um bom contrato profissional com um clube. Segundo Manuel Sérgio, “o rendimento e o lucro, a competição desmedida e a concorrência sem escrúpulos, o conflito e o narcisismo formam a sua expressão autêntica. (Sérgio, 1976, p. 116).

A postura do professor de Educação Física, é fundamental, enquanto profissional ligado às atividades esportivas numa escola. E deve caber a ele antecipar as situações onde a querela da mudança sócio/econômica possa ser considerada a única via, por parte de meninos pertencentes à classe trabalhadora.

Se torna claro que dependendo das condições de classe, a incidência de problemas, pode se tornar mais danosa. Por exemplo, quando um jovem faz uso de drogas, e pertence à classe média ou burguesa, pela condição financeira da família, ele tem mais possibilidades de tratamento, do que um jovem pobre, da classe trabalhadora. Isso ocorre com relação aos estudos e às profissões. Haverá sempre na classe burguesa e média, mais oportunidades de recuperação ou de manutenção de uma vida confortável, de um jovem que deixa de estudar ou não tem uma profissão definida, ao passo que os jovens da classe trabalhadora, na mesma situação, terão graus de dificuldades que não apontam, via de regra para o sucesso. É por isso que aqueles que conseguem, são titulados como “heróis”, “guerreiros” etc.

No Brasil, há uma preocupação intensa da imprensa, principalmente a televisão, de mostrar vencedores ou campeões de alguma modalidade esportiva, como modelo de superação, em geral contando a história de vida, com as dificuldades por que passou, mas que por obra do seu esforço e determinação, conseguiu superar as vicissitudes e merecidamente conquistou a vitória. Comumente a estampa dessas pessoas aparecem chorando, o que torna-se um apelo à sensibilidade pública. Um quadro assim, procura passar a idéia de uma lógica assentada em valores subjetivos, onde “querer é poder” torna-se um lema a ser seguido.

Essa é uma lógica perversa e que não se restringe somente no campo esportivo. No campo religioso também as igrejas evangélicas apontam como consequência das “boas” ações e ofertas financeiras, o sucesso material de suas vidas, onde os testemunhos publicamente declaram na televisão, que eram devedores, não tinham casa, passavam necessidades etc, e que ao começarem a frequentar a igreja e a contribuir financeiramente, suas vidas mudaram. Declarando com júbilo que agora possuem carros importados, muitos apartamento e casas, vários empregados etc.

Nestes casos, penso o que é transmitido é que há um claro investimento religioso, em prol de bens materiais.

Nos dois casos, esportivo e religioso, a sonegação efetiva e racional de uma explicação calcada na realidade é de uma má intenção a toda prova, visto que essa lógica se aplica em ambas as situações, e para uma mente inquiridora e crítica, ficaria o questionamento do que aconteceria se todas as pessoas fossem esforçadas e abnegadas como os campeões ou tivessem a fé e a contribuição como tais religiosos. Será que isto seria a transformação numa sociedade abastada, igualitária e feliz? Ou essa mesma mente consideraria que não seria possível no capitalismo, todos terem sucesso, e que por tanto isto seria um receituário desprovido de seriedade, que serve como amortecedor da realidade, projetando para cada pessoa, a responsabilidade por não ter alcançado os objetivos sonhados. As igrejas, talvez antecipando a possibilidade desse questionamento, se apressam em dizer que o sucesso e riqueza por parte daqueles que contribuem financeiramente, vem de Deus, e que nem todos alcançam isso quando desejam, por que “o tempo de Deus, é diferente do tempo dos homens”, e que Deus não quer simplesmente doações financeiras, mas que tais doações devam ser dadas “com amor”. É este o segredo, de genialidade enganadora, que explica porque nem todos que contribuem, tenham o sucesso que alguns poucos conseguiram, e se conformem com os desígnios que não lhes é facultado saberem. Pois o amor não é medido. E o tempo de Deus somente a ele pertence”. Essa explicação, evidente que não convence a um olhar minimamente sério, mas, para os que tem fé e pertencem a tais credos, é mais do que suficiente, para continuarem se auto culpando.



Tanto os repórteres esportivos como os pastores e bispos religiosos sabem que o capitalismo não é sinônimo de solidariedade, e que não é possível que todos sejam capitalistas. Mas sonegar essa verdade e deixar exposta a idéia e a possibilidade de que está em cada individuo a saída para o sucesso, é a própria manutenção desses valores, onde a mobilidade ou troca de classe social, é algo possível e depende do esforço próprio.

Os fatores intervenientes e limitadores existentes, são tidos como possíveis de serem ultrapassados e um “liberalismo social” é visto como expoente a ser seguido.

A crítica social e sistêmica não é feita pela imprensa (o que seria uma contradição de classe se fizesse), também não é feita nas escolas e ainda menos nas famílias. O capitalismo atualmente pouco é mencionado, menos ainda discutido, e questões temáticas como “Classes Sociais”, “Revolução”, “Crises”, “Guerras”, “Miséria” menos ainda. Segundo Politzer, “a corrida para o lucro capitalista tem, pois, como efeito inevitável a miséria crescente das massas, um desencadeamento sombrio de violências” (Politzer, 1986, p. 262).

A luta de classes também está vinculada à prática das atividades físicas fora do âmbito escolar. Recentemente o Estado tem colocado em praças e logradouros públicos da cidade do Rio de Janeiro, aparelhos para exercícios físicos. Em alguns deles com professores de Educação Física disponíveis uma ou duas horas por dia. Mesmo que tais atividades possam ser feitas sem cobrança financeira, há que considerar alguns elementos que distinguirão mais uma vez a conotação de classes. Primeiramente a disponibilidade de um professor de Educação Física local é em horário comercial, quando os trabalhadores não podem freqüentar esse espaço. Há ainda os fatores tempo e fadiga, que devem ser considerados, quando aventada a possibilidade de tais atividades serem praticadas pelos trabalhadores depois da jornada de trabalho.

Essa realidade não se aplica a um empresário, na mesma proporção que a um empregado seu. O empresário ocupa seu tempo na empresa que é sua, e não sofreria prejuízo se freqüentasse menos tempo a mesma, para fazer exercícios físicos, como acontece comumente, ao passo que o empregado, não seria favorecido por uma carga horária menor de trabalho para fazer o mesmo. Esta questão do “tempo livre”, é um referencial de classe inequívoco, que é verificado em diversas áreas como a do exercício físico, da literatura, do lazer etc, segundo Malina “Isto impede o lazer no sentido amplo e recoloca o lazer com uma forma estrita e individual, momentânea e, afora isto, o antagoniza ao trabalho”. (Malina de Cesário, 2009, p. 27).

O antagonismo de classes repercute socialmente na vida das pessoas, cerceando possibilidades de muitas e protagonizando liberdades e direitos a uma minoria. A “salva-guarda

democrática” de “iguais direitos de deveres”, em verdade é balizada pelo poder econômico, visto os direitos estarem limitados aos que menor poder aquisitivo possuem. Esta conotação é claramente identificável, quer isoladamente em pessoas que conhecemos ou apontamos, como em bolsões populacionais em forma de bairros inteiros, onde a pobreza e a miséria estão instaladas.

A busca por soluções ou melhoramentos nesse sentido, não erradicará as diferenças de classes. Poderá atenuar a situação vigente, mas não erradicar. Tão somente um processo revolucionário poderá contrair essa incumbência. Enquanto as relações de produção persistirem modeladamente pelo corte capitalista, através da exploração, via mais-valia, as diferenças persistirão.

Também não acredito que mudanças isoladas possam resultar num processo revolucionário. Ainda é muito frequente os discursos pró-educação, que defende que esta sendo potencializada, surtirá um efeito emanador para outras áreas. Penso que a educação, as artes, a saúde e todas as demais áreas devem criticamente progredir no sentido de priorizar a maioria da população. Também repousa em nossa cultura, o messianismo político, com a esperança que determinado personagem venha resolver os problemas sociais. Creio ainda faltar a credibilidade da classe trabalhadora nela mesma, onde a união em torno de reais possibilidades de mudanças possam ser evidenciadas. Mas contra isso está o resto, onde o eixo principal das atenções fica comprometido pelas variáveis pouco ou de nenhuma importância nos cercam, cerceando um possível ímpeto revolucionário. Enquanto persistirem as diferenças, os ódios e as preocupações extremadas, advindas das adversidades futebolísticas, religiosas ou de outras celeumas sem fundamentação, haveremos de permanecer impotentes diante das transformações necessárias.

Em todos os lares, um bom pai ou uma boa mãe concordará em encaminhar aos filhos a seguinte colocação: “de cada um, segundo suas capacidades, a cada um segundo as suas necessidades” (Marx Engels apud Politzer, 1986).

Isto se aplicará por exemplo a um filho que somente estuda, e tem um gasto maior que qualquer outro membro familiar, por conta do estudo. Poderá ser aplicado a um outro filho que necessite, para um tratamento de saúde e a maior parte da renda familiar se destine a isso. Esta generosidade familiar, é evidenciada na maioria dos lares do mundo. Este é o princípio da sociedade comunista. O desafio é exportá-lo dos lares para a sociedade.

## Referências:

- HOBBSBAWN, Eric. Era dos Extremos – o breve século XX – 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995).
- MALINA, André & CESARIO, Sebastiana. Esporte, Fator de Integração e Inclusão Social? – Campo Grande: UFMS, 2009.
- MARINHO, Vitor. O Esporte pode tudo. São Paulo. Cortez, 2010.
- MARX, Karl & ENGELS Friedrich. Manifesto do Partido Comunista. São Paulo: Anita Garibaldi, 1989.
- PEREIRA, Flávio. Dialética da Cultura Física. São Paulo: Ícone, 1988.
- POLITZER, Georges. Princípios Fundamentais de Filosofia. São Paulo: Hemus, 1986.
- SÉRGIO, Manuel. Desporto eu Democracia. Lisboa: Serra Nova, 1976.

